

O uso da voz nos rituais indígenas Pankararu

The use of voice in Pankararu indigenous rituals

El uso de la voz en los rituales indígenas Pankararu

Andressa Thaiany Carvalho* 

Maria Lúcia Vaz Masson* 

Resumo

Introdução: a voz é essencial para preservação e manutenção da cultura de grupos sociais. O povo Pankararu, vincula sua língua-mãe aos rituais religiosos. A principal forma de transmitir a tradição oral é através dos cantos nos rituais dos Praiás. **Objetivo:** resgatar o uso de voz pelos cantadores Pankararu no ritual dos Praiás, à luz do saber tradicional e científico. **Método:** estudo qualitativo, do tipo história de vida, autobiográfica, no qual foram acessadas memórias individuais e coletivas da comunidade Pankararu, considerando a caracterização do povo, do ambiente e o uso de voz nos rituais. **Resultados:** os cantadores utilizam a voz de maneira intensa e contínua, sem hidratação, e fumam cachimbo durante o ritual. O local onde cantam é um terreiro, espaço aberto, exposto às intempéries da natureza, com presença de poeira. Para cuidar da voz, baseiam-se no saber tradicional, apresentando uma visão distinta do conhecimento científico, no qual a voz representa sua cultura e identidade. Nesta perspectiva, hábitos descritos pela literatura como deletérios, são considerados saudáveis, demonstrando uma concepção singular de saúde. **Conclusão:** o conhecimento científico, paralelamente ao tradicional, poderá contribuir para estabelecimento de cuidados que visem à saúde vocal dos Pankararus. Poderei oferecer ao meu povo, o qual apresenta demandas de saúde, conhecimentos científicos proporcionando uma melhor qualidade de voz e vida.

Palavras-chave: Voz; Cultura Indígena; Medicina Tradicional.

* Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Contribuição dos autores:

ATC: concepção, desenho do estudo, análise e interpretação dos dados; elaboração das versões preliminares do manuscrito; aprovação final da versão a ser publicada; concordância em todos os aspectos do trabalho, quanto à exatidão e integridade das informações. MLVM: concepção, desenho do estudo, análise e interpretação dos dados; contribuição nas versões preliminares e revisão crítica do manuscrito; aprovação final da versão publicada; concordância em todos os aspectos do trabalho, quanto à exatidão e integridade das informações.

E-mail para correspondência: Maria Lúcia Vaz Masson - masson@ufba.br

Recebido: 13/05/2021

Aprovado: 12/02/2022

Abstract

Introduction: The voice is essential for the preservation and maintenance of the culture of social groups. The Pankararu people link their mother language to religious rituals. The main way of transmitting the oral tradition is through singing in the rituals of Praiás. **Objective:** To rescue the use of voice by Pankararu singers in the Praiás ritual, considering the traditional and scientific knowledges. **Method:** Qualitative study, history life, autobiography design, which individual and collective memories of the Pankararu community were accessed, considering the characterization of the people, environment, and voice use in the rituals. **Results:** The singers use their voices intensely and continuously, without hydration, and smoking pipes during the ritual. The “terreiro” is the place where they sing, an open space, exposed to wuthering and dust. They are based on traditional knowledge for taking care of their voices, in a different view of scientific knowledge, in which voice represents their culture and identity. In this perspective, habits described in the literature as harmful are considered healthy, demonstrating a unique conception of health. **Conclusion:** Scientific knowledge, in parallel with the traditional one, can contribute to establish care aimed at the vocal health of the Pankararus. I will be able to offer to my people, who have health demands, scientific knowledge providing a better quality of voice and life.

Keywords: Voice; Indigenous Culture; Traditional Medicine.

Resumen

Introducción: la voz es fundamental para la preservación y mantenimiento de la cultura de los grupos sociales. La gente de Pankararu, vincula su lengua materna a los rituales religiosos. La principal forma de transmitir la tradición oral es a través del canto en los rituales de Praiás. **Objetivo:** rescatar el uso de la voz de los cantantes de Pankararu en el ritual Praiás, a la luz de los conocimientos tradicionales y científicos. **Método:** estudio cualitativo, del tipo de historia de vida; Se accedió a las memorias individuales y colectivas de la comunidad Pankararu, considerando la caracterización de las personas, el entorno y el uso de la voz en los rituales. **Resultados:** los cantantes utilizan sus voces de forma intensa y continua, sin hidratarse, pipas de humo durante el ritual. El lugar donde canta el terreiro, un espacio abierto, expuesto a la intemperie de la naturaleza, con presencia de polvo. Para cuidar la voz, se basan en los conocimientos tradicionales, presentan una visión diferente del conocimiento científico, donde la voz representa la cultura y la identidad. En esta perspectiva, los hábitos descritos en la literatura como nocivos, se consideran saludables, demostrando una concepción única de la salud. **Conclusión:** El conocimiento científico, además del conocimiento tradicional, puede contribuir al establecimiento de cuidados dirigidos a la salud vocal de los Pankararus. Podré ofrecer a mi gente, que tiene demandas de salud, conocimientos científicos que brinden una mejor calidad de vida.

Palabras-clave: Voz; Cultura Indígena; Medicina Tradicional.

Introdução

No Brasil existem 896,9 mil indígenas falantes de 274 línguas e agrupados em 305 etnias espalhadas por todo o território nacional.¹ Esses povos lutam constantemente por suas terras, o que significa ter o direito legítimo à vida, que representa sua identidade, cultura e espiritualidade, sendo contra o genocídio e o etnocídio disseminados mais fortemente na atualidade.

No nordeste do Brasil encontra-se parte de vários grupos indígenas que conseguiram sobreviver após a invasão dos colonizadores em suas

comunidades². O povo Pankararu é um deles e está localizado próximo ao Vale do Rio São Francisco, no estado de Pernambuco. Suas aldeias estão distribuídas entre os municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia, a 459,4 km da capital Recife². A área Pankararu é composta pelas aldeias: Brejo dos Padres, Brejinho da Serra, Bem Querer de Cima, Bem Querer de Baixo, Macaco, Folha Branca, Cacheado, Espinheiro, Agreste Saco dos Barros, Serrinha, Pinhancó, Barrocão, Agreste, Logradouro, Caldeirão, Barriguda, Mundo Novo, Carrapateira, Tapera, Lagoinha, Brejinho dos Correias, Jitó, Porterão, Baixa do Lero, Olho d'água do Bruno e Carrapateira³.

Devido a todo o processo de colonização, os Pankararus foram obrigados a deixar de falar sua língua-mãe. Mesmo não falando sua língua no cotidiano, ela continua viva nos rituais religiosos, sendo transmitida de forma oral de geração para geração. A principal maneira de preservar a tradição oral é por meio dos cantos, que são executados nos rituais dos Praiás. Desta forma, a voz é elemento fundamental para a preservação da cultura desse povo. Para os rituais acontecerem, é de suma importância a presença do cantador.

Para Behlau⁴ a voz é produzida devido à harmonia de todo o sistema fonador e, além disso, constitui-se como expressão única da personalidade de cada sujeito. A autora considera a voz como normal quando é produzida sem esforço durante a emissão, apresentando uma boa qualidade sonora para aqueles que a escutam⁴. Refletindo sobre essa questão, é necessário destacar que vozes produzidas por meio de ajustes inadequados ou desconhecimento do próprio aparelho fonador, podem vir a resultar em alterações vocais indesejadas⁴, caracterizando-se como disfonias. A questão se agrava quando a voz é um instrumento fundamental na vida do indivíduo, como no caso dos cantadores desse povo indígena. Para se evitar possíveis disfonias, são indispensáveis ações de bem-estar vocal, destacando-se a hidratação, o aquecimento e desaquecimento vocal, além de evitar gritar ou falar em forte intensidade⁵.

Deve-se destacar que o conhecimento científico e o tradicional apresentam visões distintas e semelhantes no que tange ao cuidado com a saúde. Enquanto o conhecimento científico utiliza métodos e saberes estabelecidos para considerar um risco ou benefício à saúde, o saber tradicional usa da aprendizagem do dia a dia ou aquele transmitido por seus ancestrais. Pode-se destacar que as duas formas de conhecimento são válidas, de modo que é possível inferir que ambas podem contemplar-se e contribuir para o bem-estar da sociedade. As comunidades indígenas têm sua forma peculiar de ver, entender e tratar os aspectos que estão relacionados a saúde. Sendo assim, busca-se interpretar como a religião e os conhecimentos advindos dos antepassados, do território e da cultura indígena estão interligados com os cuidados com a voz e, além disso, pensar como a Fonoaudiologia pode colaborar na preservação da qualidade vocal desses indivíduos, preservando a tradição oral cultuada até os dias atuais.

Este estudo justifica-se devido à escassez de literatura relacionada ao povo Pankararu, especialmente aquela que se debruce sobre o uso a voz nos rituais dos Praiás, receando-se pela perda de sua história sem registros escritos. O principal objetivo é resgatar como os cantadores Pankararus utilizam a voz no ritual dos Praiás, discutindo o saber tradicional e científico.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, do tipo história de vida autobiográfica, retrospectivo, acerca do uso de voz dos cantadores Pankararus no ritual dos Praiás. Serão apresentadas e discutidas memórias referentes às festas tradicionais do povo ao qual pertencem e o uso de voz nesse contexto. Tendo em vista a natureza autobiográfica do estudo e o fato de não envolver seres humanos, além da memória da autora principal [ATC], não houve submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. As experiências nos rituais são de toda uma vida como indígena residente em uma das comunidades do povo Pankararu. Esse artigo também se destinará a tratar sobre reflexões referentes à voz e como comecei a observar, como estudante de graduação em Fonoaudiologia, o seu uso nesses rituais.

Desta forma, apropriada pela literatura científica, este estudo está inserido dentro do campo da pesquisa qualitativa à qual Silva et al⁶ referem como uma metodologia constituída a partir da relação existente entre o pesquisador e o indivíduo pesquisado, por meio do diálogo por onde perpassam as experiências subjetivas dos indivíduos

Assim, a história de vida como método busca o resgate histórico, proporcionando a análise de aspectos subjetivos como as vivências e as concepções culturais existentes⁷. Possibilita alcançar informações peculiares de uma pessoa, permitindo o conhecimento tanto sobre a situação vivida pelo sujeito quanto seu ponto de vista, relacionado à mesma experiência, pois deixa o indivíduo discorrer livremente sobre o que está sendo solicitado⁸. Ademais, a história de vida como metodologia científica preocupa-se em compreender as relações estabelecidas entre histórias individuais e/ou coletivas⁶.

Deste modo, Silva e Barros⁹ referem que a partir de narrativas do sujeito pesquisado podem-se obter dados de um acontecimento ou fenômeno ocorrido em determinada sociedade em um tempo

ou período específico da história, onde o material pode ser coletado através de entrevistas ou depoimentos, conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica seu ponto de vista.

O retorno às memórias permite que o indivíduo ressignifique seu percurso e, ao construir sua narrativa sobre determinados fatos, esteja construindo, desconstruindo e reconstruindo-se de acordo com as experiências adquiridas ao longo de sua vida⁶. Para Nogueira et al¹⁰ as memórias trazidas pelo sujeito estão relacionadas ao vivido e, para além disto, com elementos afetivos que são constitutivos de cada um. Enquadradas no método da pesquisa qualitativa, a abordagem biográfica busca rememorar as histórias advindas das vivências individuais do sujeito; dessa forma, a memória torna-se instrumento essencial na construção da narração⁶.

Portanto, a memória permite acessar tanto o presente quanto o passado permitindo relatar a sua experiência individual e coletiva na relação com o outro e nos acontecimentos de toda uma vida¹⁰. Para Souza¹¹, a história de vida, a partir de narrativas próprias, objetiva a reconstrução dos processos históricos ocorridos em distintos contextos.

Cabe ressaltar que esse método foi escolhido devido ao fato de possibilitar que o pesquisador seja sujeito e objeto pesquisado, fazendo o resgate de suas vivências, no caso, dos rituais dos Praiás, estabelecendo a relação entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico, a partir do olhar diferenciado como indígena e estudante de Fonoaudiologia.

Para atender aos objetivos deste artigo, foi elaborado um roteiro o qual colaborou na aplicação do método, de modo a guiar a pesquisa e rememorar acontecimentos vividos durante a participação nos rituais Pankararu. Desta forma, as questões que foram exploradas neste roteiro nortearam e facilitaram o desenvolvimento deste trabalho, estabelecendo o que deveria ser revisto e refletido sobre o uso da voz nas tradições indígenas destes povos. Portanto, as perguntas que orientaram

foram as seguintes: a) caracterização do povo; b) caracterização dos rituais; c) o ambiente dos rituais, considerando a dimensão do espaço físico, organização dos participantes nesse espaço, o que há ao redor do local, se é ambiente aberto ou fechado. Também foram elaboradas questões referentes ao uso de voz nos rituais, as quais trataram sobre a frequência em que os cantadores costumam cantar, os cuidados com a voz durante o ritual, se ocorrem modificações na voz durante o canto e quantas horas consecutivas cantam.

Resultados

Caracterização do povo

Assim como outros povos indígenas do Brasil, meu povo também sofreu os impactos da colonização em nossas terras e nossa cultura. Devido à invasão dos portugueses e à catequização imposta por eles, hoje não falamos mais nossa língua-mãe no cotidiano. Porém, mesmo depois de 520 anos, ela ainda continua viva, sendo transmitida de geração para geração, de forma oral, por meio dos cantos nos rituais religiosos.

Desta forma, o principal modo de manter a língua viva é por meio dos torés e toantes que são cantados nos rituais dos Praiás (FIGURA 1). Nesses rituais, utilizam-se roupas feitas da fibra de “caroá” (planta usada na produção das vestimentas) que irão cobrir todo o corpo do índio do sexo masculino. Existem inúmeras destas roupas espalhadas por todas as nossas comunidades, e cada uma delas representa um encantado. Cada Praiá, por sua vez, possui um zelador ou zeladora o/a qual tem a responsabilidade de cuidar dele, sendo os zeladores escolhidos pelos encantados. Por isso, esses cuidadores são chamados de “pai de Praiá”. Para nós, Pankararus, os encantados são protetores espirituais que habitam as matas e visitam o povo por meio dos rituais, trazendo aconselhamentos, curas e outras bençãos das quais necessitamos.



Tacaratu, Pernambuco, 2020. Arquivo pessoal

Figura 1. Ritual dos praiás dos índios Pankararus

Caracterização dos rituais

O ritual mais importante do nosso povo chama-se “Corrida do Imbu” e acontece uma vez por ano por quatro finais de semana consecutivos. Recebeu o nome de “corrida” justamente pelo fato de ocorrerem um após o outro. Assim, os mais velhos a nomearam de “Imbu” porque vem da fruta umbu, abundante em nossas aldeias e bastante resistente à seca. Não há uma data específica para que esse ritual aconteça. Mas, geralmente, ocorre concomitante ao primeiro final de semana de carnaval. Esse ritual é de grande importância espiritual, pois nele acontece a purificação dos indígenas, onde estes se queimam com o cansaço no momento da dança, ressaltando que os Praiás também dançam juntamente, porém não se queimam.

Incluído na corrida do “imbu” acontecem as tubibas, ritual este que difere dos demais, pois os Praiás dançam juntamente com as mulheres, fazendo os passos em referência aos animais existentes em nossa aldeia. Cada animal tem seu toante e dança específica. Assim como as corridas, esse ritual acontece uma vez por ano.

Para que as corridas do “imbu” se realizem é preciso que outro ritual seja realizado antes, chamado de flechamento do “imbu”. Esse ritual é realizado quando qualquer um de nós Pankararus encontramos o primeiro “imbu” em nossas terras. Nesta oportunidade, ele é levado para o local onde fica um dos Praiás mais velhos, sendo marcada a data para que os Praiás possam flechá-lo. No dia deste ritual, os Praiás devem flechar o “imbu”. Caso não consigam, é solicitado que os demais homens da aldeia que naquele momento se fazem presente, tentem até conseguir. Quando finalmente o imbu é flechado pelo o homem ou Praiá, é entregue para a mulher mais velha que estiver presente no terreiro naquele momento. Acreditamos que quando o “imbu” é flechado, as coisas ruins se afastam de nossas comunidades.

Neste mesmo dia, é realizada a “Puxada do Cipó” em que os Praiás puxam de um lado e os homens de outro. Se o lado vencedor for o dos Praiás, significa que será um bom ano para nosso povo, estando em paz, com saúde, além de ser um bom ano para a plantação, e de muita colheita. Caso contrário, se o vencedor for do lado dos homens,

indica que aparentemente os encantados estarão um pouco mais distantes para fazer nossa proteção. Assim como em todos os rituais que envolvem os Praiás, a dança e os cantos estão presentes.

Outro ritual no qual os Praiás dançam é chamado de “Menino no Rancho” e pode acontecer em qualquer final de semana durante todo o ano. Esse ritual simboliza a proteção que será dada ao menino por um encantado, que irá protegê-lo por toda a sua vida, além de iniciá-lo em nossas tradições. Esse ritual ocorre quando há um pedido do encantado ou por motivo de doença em que os pais pedem pela proteção de seu filho.

Esses são alguns dos rituais mais importantes de nosso povo, embora não sejam os únicos. Existem outros que também podem ocorrer em data específica ou a qualquer momento no decorrer do ano, como o ritual chamado de “Três Rodas” no qual os Praiás dançam para celebrar a graça alcançada.

Para esses rituais acontecerem é de suma importância a presença do cantador para cantar os toantes e torés para os Praiás dançarem. Os cantadores são homens ou mulheres da aldeia que cantam durante todo o ritual. Eles cantam em um terreiro que irá variar de acordo com a festa, pois geralmente cada um dos rituais supracitados são realizados em terreiros distintos, já que cada encantando tem o seu.

Durante as festas, os cantadores fazem uso contínuo da voz, cantando por, no mínimo, seis horas por ritual. Existe um cantador que está sempre à frente e acaba cantando mais. Porém, existem outros que estão participando do ritual e estarão disponíveis também para cantar, sendo habitualmente um por vez.

O ritual acontece na grande maioria das vezes por promessa a ser paga aos encantados, quando um índio em momento de necessidade faz um pedido ao encantado para que seja atendido. Pedidos que vão desde melhora de doenças, à conquista de emprego ou outros ganhos e, quando realizados, é feita a festa de agradecimento. Também pode acontecer por alegria, sendo as festas realizadas para reunir a comunidade e comemorar algo referente à aldeia, como conquistas no território, formatura nas escolas indígenas, boa colheita, dentre outros motivos.

Após a graça ser alcançada é marcado o dia do ritual dos Praiás, devendo-se avisar aos zeladores a data, horário, local e qual o tipo de ritual. Neste mesmo período, quem irá promover a festa também deverá avisar aos cantadores, pois eles precisam

estar presentes, uma vez que, sem eles, a realização do ritual torna-se impossível. Geralmente são chamados entre um a três cantadores para o ritual dos Praiás.

Deste modo, depois de todos devidamente avisados, começa a preparação dos zeladores, dos cantadores e dos moços de Praiá (homens que vestem as roupas dos Praiás). Essa preparação para os rituais de “Três Rodas” e “Menino no Rancho” leva em média oito dias em que estas pessoas, junto das mulheres, que elas também têm um importante papel por acompanharem os cantos, dançarem no terreiro e prepararem a comida servida nas festas. Esta preparação envolve ficar nestes dias sem nenhum tipo de relação sexual, pois, na nossa visão, esse ato deixa o índio impuro para trabalhar (participar) de rituais em que os encantados, considerados puros, são chamados para abençoar a aldeia. Junto com essa restrição de relações sexuais, vem uma série de outras preparações com rituais internos e secretos que não são revelados. Cabe ressaltar que essa preparação ocorre em todos os rituais do povo Pankararu.

O Ambiente dos Rituais

Cada Praiá tem o seu próprio terreiro, onde acontecem os rituais (FIGURA 2). O terreiro constitui-se como um lugar a céu aberto, geralmente envolto por árvores e casas, em sua grande totalidade rodeado por serras. Além disso, o chão é de terra batida, provocando bastante poeira durante os rituais e esquentando os pés dos Praiás, dado que estão sempre descalços. Vale mencionar que antes do ritual acontecer, o terreiro é sempre limpo, sendo removidas sujeiras e, principalmente pedras, justamente para que os Praiás não venham a se machucar.

Quanto ao momento do ritual, os Praiás dançam sempre ao redor do terreiro formando um círculo. Isso só não acontece na dança denominada “parêa”, chamada desta forma devido aos Praiás dançarem em pares com uma mulher indígena, diferentemente das demais danças. Lembrando que a presença do cantador é essencial no terreiro para que possa ser iniciado o ritual. Não há um local específico em toda distribuição do terreiro para o cantador. Porém, observa-se que costumam optar por locais onde há sombras de árvores, mas também se não houver, continuam a cantar no sol ou na chuva, durante o dia ou noite.

Nos terreiros onde os Praiás dançam sempre há presença de outros indígenas e, às vezes, não indígenas, os quais ficam distribuídos nos arredores para contemplar o ritual. Não há um determinado tamanho para o terreiro, mas geralmente são análogos a um campo de futebol. Isso dependerá do espaço que o zelador de cada Praiá tenha disponível para fazer o seu terreiro.

Outro local importante nos rituais dos Praiás é o poró, reservado apenas para homens. Fica situado comumente na mata que circunda o terreiro. Por ser um recinto reservado, o que acontece nesse espaço também é um segredo da comunidade, sendo essencial fazer menção a esse detalhe, pois, o sigilo é importante para preservação e manutenção da cultura indígena.



Tacaratu, Pernambuco, 2020. Arquivo pessoal

Figura 2. Terreiro onde são realizados os rituais dos Praiá

O uso da voz nos rituais

A voz constitui-se como um dos elementos fundamentais para o acontecimento do ritual dos Praiás, uma vez que é preciso cantar durante toda a sua ocorrência. Deste modo, essa função é desempenhada pelo cantador, uma figura de suma importância. É de responsabilidade do cantador cantar para que os Praiás possam dançar. O uso de voz nestes rituais é contínuo, podendo se estender por mais de seis horas consecutivas. O cantador sempre costuma cantar em forte intensidade de modo que o toante (canto) consiga ser ouvido por todos os Praiás que estão dançando na roda. Além disso, simultaneamente ao canto, estão sendo balançados os maracás, um para cada Praiá que esteja dançando no momento, e o pife (gaita), outro instrumento de sonoridade também utilizado durante o ritual. Logo, o uso destes instrumentos faz com que o cantador tenha sempre que cantar em forte intensidade para que todos possam ouvi-lo.

Além disso, os cantadores costumam fumar o cachimbo (FIGURA 3) que é considerado sagrado no momento do ritual. Este hábito representa saúde para o povo Pankararu, permitindo conversar com os encantados além de seu uso nos rituais de cura. O tamanho do cachimbo é semelhante ao de uma

caneta, podendo ser menor ou maior, a depender da própria escolha do indígena.

Outra questão observada é que os cantadores não têm por habitado tomar água durante o ritual. O único líquido ingerido é a garapa, que é tradição nesse ritual, podendo ser de rapadura e/ou cana de açúcar, servida logo após o pirão, que é a comida tradicional dos rituais Pankararu.

Quanto ao uso de voz no ritual dos Praiás, é possível perceber que há fatores que a comunidade científica considera como prejudiciais para a voz, como a poeira, a falta de hidratação, o cachimbo e o uso intenso de voz. Porém, para os Pankararus todos esses elementos são considerados como saúde, uma vez que fazem parte de seus rituais e dos seus saberes tradicionais. Evidencia-se que os cantadores fazem a preparação da voz através de seus saberes tradicionais, seja por meio do cachimbo, chá de plantas locais ou por meio de sua fé. Percebe-se que durante o ritual os cantadores geralmente usam a voz em pitch agudo, não há sinais de esforço para cantar, e, após o término do ritual, não se observam alterações vocais como rouquidão, sopro, aspereza ou desvio de *pitch* e *loudness*.



Tacaratu, Pernambuco, 2020. Arquivo pessoal

Figura 3. Cachimbo Pankararu usado nos rituais

Discussão

Conhecimento tradicional e saúde

Houve algumas limitações para a produção deste trabalho, por se tratar de uma população indígena que tem suas especificidades culturais e modos de vida subjetivos. Respeitando-se o sigilo das práticas do povo Pankararu, determinadas questões abordadas ao longo deste artigo não puderam ser aprofundadas, devido à confiança existente em seus rituais. Outro fator limitante está relacionado à escassez de estudos sobre o uso da voz por comunidades indígenas, especialmente no campo da Fonoaudiologia.

É preciso enfatizar que, ao decorrer deste artigo, foram mencionadas questões como o hábito de fumar cachimbo, o uso intenso e contínuo de voz, exposição à poeira entre outras, as quais são consideradas prejudiciais para a voz pelo conhecimento científico, mas considerados saudáveis para o conhecimento tradicional do povo Pankararu.

Pensando na visão de saúde para as populações indígenas, surge a antropologia da saúde baseada em saberes plurais, não existindo assim uma antropologia única, mas várias antropologias que são decorrentes das histórias subjetivas de um indivíduo ou coletividade, em um determinado tempo, local e região¹². Ao pensar no processo de saúde-doença de um sujeito, é necessário considerar as práticas culturais e o cuidado individual em sua singularidade¹³, de acordo com suas peculiaridades.

Deste modo, é preciso compreender que se trata de um povo que tem uma cultura particular e que, diferentemente de outras sociedades, tem sua própria forma de enxergar o mundo, além de possuir conhecimentos ancestrais os quais permitem que sejam quem são. De acordo com Buchilet¹⁴, é fundamental o respeito diante da concepção cultural de saúde e doença destes povos. Portanto, a enorme variedade da cultura indígena brasileira acaba por produzir distintos modos de ser e viver e, consequentemente, proporciona inúmeras maneiras de perceber e entender questões relacionadas à saúde e doença¹⁵.

Assim, no que tange ao conhecimento científico, pode-se dizer que é essencial para determinar a especulação de novos princípios do saber¹⁶. Enquanto o conhecimento científico debruça-se em trabalhos principalmente quantitativos para comprovar teorias relacionadas ao cuidado com a saúde, para as populações indígenas o conhe-

cimento acontece a partir do seu dia a dia na comunidade e nas aprendizagens adquiridas nas relações com seus antepassados, como é referido por Lorenzo¹⁵. Nas culturas populares tradicionais, as práticas utilizadas em cada comunidade advêm de conhecimentos empíricos que ocorrem no cotidiano, além de serem transmitidos de geração para geração, principalmente das aprendizagens dos indivíduos mais velhos que possuem experiências que apenas estes conseguem descrever. Na tradição indígena não é diferente no que diz respeito aos cuidados relacionados à preservação da saúde de seus membros. Além de usarem de seus saberes, muitas vezes consultam sua espiritualidade para alcançar a cura desejada¹⁵.

Neste sentido, ressalto que, ao falar em povos indígenas, falo sobre várias culturas, uma vez que cada um desses povos tem a sua própria e, por conseguinte, práticas referentes à saúde podem ser iguais, parecidas ou distintas, sendo assim, torna-se peculiar. É muito comum ouvir do meu povo Pankararu “o médico trata e o encantado é quem cura de verdade”, expressão usada principalmente pelos mais velhos da comunidade. Para Lopes¹⁷, que realizou seu trabalho de dissertação de mestrado com o povo Pankararu, o encantado resolve o problema e o médico tem a função primordial de tratar os sinais e sintomas físicos. Pensando sobre essa afirmação, passo a refletir sobre o quanto é importante que os conhecimentos científico e tradicional possam caminhar juntos, dado que isso repercute na melhor qualidade de vida dos indivíduos.

Assim, me coloco como indígena e graduanda em Fonoaudiologia, com intuito de poder favorecer o respeito às práticas culturais de um povo, mas também, através do saber adquirido na academia, contribuir para a saúde dos Pankararus, valorizando os saberes ancestralmente concebidos. Desse modo, poderei ofertar ao meu povo, o qual apresenta tantas demandas de saúde, inclusive relacionadas à Fonoaudiologia, conhecimentos científicos advindos da Universidade, respeitando sempre o conhecimento tradicional e, por meio de ambos, possibilitar uma melhor qualidade de voz e vida a estes indivíduos, de modo a contribuir para manutenção da cultura e da saúde do povo Pankararu.

A Voz

A voz caracteriza-se como elemento fundamental na construção da subjetividade do sujeito,

além de proporcionar que o indivíduo se encontre em determinada sociedade. De acordo com Bragion, Foltran e Penteado¹⁸, a voz está presente no dia a dia sendo fundamental nos processos de socialização, proporcionando melhor qualidade de vida. A voz apresenta características individuais de cada sujeito, a qual representa as subjetividades, as características e as emoções de uma pessoa, pode-se dizer que para além de sua produção anatômica e fisiológica, demonstra a individualidade, personalidade e qualidades do ser humano¹⁹.

No que tange à voz indígena, compreender as especificidades culturais, religiosas e de identidade que estão presentes nessas vozes é fundamental, uma vez que possibilitam entender o significado que representam diante de todo um povo. Tendo em vista a relevância que a voz tem nos rituais Pankararus, o seu cuidado é imprescindível para a preservação cultural.

Cuidados com a voz

A saúde vocal é caracterizada por regras as quais auxiliam no cuidado com a voz, prevenindo o aparecimento indesejado de alterações em pregas vocais. Uma série de aspectos são descritos na literatura, como um conjunto de elementos que retratam a boa qualidade vocal. Para os autores, é importante compreender quais são os hábitos prejudiciais, e evitá-los, buscando-se ter uma boa voz. Dentre os fatores descritos como maléficos pela literatura científica podemos elencar: tabagismo, uso de álcool e outras drogas, poluição e comportamento vocal inadequado²⁰. Além disso, outras questões relacionadas à rotina diária, ao ambiente e à saúde geral, estão diretamente ligadas a uma voz saudável²¹.

Relacionando esses hábitos deletérios, irei me deter na problematização dos fatores presentes nos rituais Pankararu. É interessante ressaltar que o ato de fumar, para esse povo, é tido como saúde, compondo os rituais de cura existentes na comunidade. Já na literatura científica, é considerado altamente maligno, estando relacionado à incidência de doenças do aparelho respiratório e cardiovascular^{22,23}, sendo atualmente considerado a principal causa de doenças que podem ser evitadas. Além disso, é nocivo para a voz devido à inalação da fumaça, agredindo as pregas vocais e podendo provocar a tosse, edema e infecções, inclusive câncer de laringe e pulmão²⁰. É comum, entre os povos indígenas,

o hábito de fumar o cachimbo. Atualmente 20,1% destes indivíduos fazem uso frequente do tabaco²⁴.

Semelhante ao tabagismo, o consumo de álcool provoca irritação no aparelho fonador. Com a ação de imunodepressão, acarreta a redução das respostas de defesa do corpo²⁰, além disso, é uma das principais causas de câncer, principalmente na boca²⁵. Quando associado ao tabagismo, pode acarretar lesões malignas e provocar dificuldades na articulação de palavras²¹. Pesquisa evidenciou que o consumo de álcool entre a população indígena é estimado em 19,2%, com frequência de uma vez por semana ou mais²⁶.

Outra questão bastante observada durante os rituais é que os cantadores ficam expostos à poeira e não têm o hábito de tomar água enquanto estão participando da tradição, sendo relatado pela literatura a importância da sua ingestão com frequência, para que as pregas vocais fiquem hidratadas, evitando-se desta forma, o surgimento de lesões²¹. Um corpo bem hidratado melhora a vibração e a flexibilidade das pregas vocais e, por conseguinte, reflete em uma melhor qualidade vocal²⁷.

Como é tradição entre os Pankararus, as pessoas que estão diretamente envolvidas em seus rituais devem sempre fazer uso de roupas compostas, ou seja, no caso dos cantadores, usam calça e camisa. A calça, muitas vezes, pode ser desconfortável e apertada, o que também dificulta uma boa produção vocal, como menciona Gomes²¹ (2017), considerando que vestimentas apertadas irão obstaculizar e dificultar os movimentos respiratórios.

Outro fator importante a ser mencionado é referente ao uso da própria voz. Os cantadores Pankararus cantam por horas consecutivas, em forte intensidade, provocando, por vezes, o chamado “abuso vocal”, sendo prejudicial para a voz²⁷. Para Goulart, Rocha e Chiari²⁸ os indivíduos que fazem uso da voz como os cantores, precisam ter boa preparação do aparelho fonador, pois o ato de cantar exige grande esforço do aparelho fonador. Na preparação dos cantadores Pankararu, o ato de cantar está basicamente relacionado à ingestão de chás antes dos rituais.

Ambiente e uso de voz

As condições ambientais, ou seja, o terreiro local aberto onde os cantadores Pankararus cantam e ficam expostos às intempéries da natureza e bastante poeira. Considerando ser um local aberto, há necessidade de se usar a voz em forte intensidade.

Tal necessidade ocorre também devido ao uso de instrumentos sonoros, utilizados concomitante ao canto, além do barulho de fala dos demais sujeitos que participam dos rituais.

De acordo com Guidini et al²⁹ esse é um hábito nocivo para a qualidade vocal, uma vez que provoca alterações nas estruturas responsáveis pela produção da voz e, com o passar do tempo, pode acarretar lesões vocais. Adicionalmente, quando o canto é realizado num ambiente onde há presença de ruídos externos há ainda a necessidade de aumentar a intensidade vocal, gerando uma maior carga/atrito vocal.

Ressalta-se que os aspectos apresentados são considerados prejudiciais pelo campo da saúde. Contudo, para a sua religião e conhecimento tradicional, os indígenas Pankararu não tratam desta forma. Pelo contrário, enxergam como aspectos saudáveis, que contribuem para sua melhor qualidade de vida. Para Eloy et al³⁰ o conhecimento tradicional existe desde tempos que são inmemoriáveis, com saberes sobre as plantas que nem o conhecimento científico consegue explicar. Essa forma de conhecimento é essencial para preservação da identidade, das tradições da cultura e, por conseguinte, a manutenção de todo um grupo.

Diante desse contexto, pode-se considerar o ambiente também como possível fator predisponente ao aparecimento de alterações de cunho vocal, o ruído, a poeira e a temperatura são aspectos que corroboram³¹ e essas questões citadas estão presentes nos rituais Pankararu.

Considerações finais

Em face dos aspectos abordados e das discussões realizadas, cabe dizer que, para o conhecimento científico, há vários fatores presentes na cultura Pankararu considerados como adoecedores. Por outro lado, esses mesmos hábitos são compreendidos como saudáveis na perspectiva dos saberes tradicionais desse povo. Diante dessas duas vertentes, cada uma com seu modo de pensar e agir, é preciso enfatizar que ambas podem coexistir, de modo que não haja sobreposição hierárquica de saberes, que um não seja posto como inferior ao outro, mas sim complementares. Considerando as questões relativas à saúde geral e, particularmente, à saúde vocal, é importante que essas duas formas de cuidado possam caminhar juntas, proporcio-

nando melhor qualidade de vida ao sujeito e sua comunidade.

Pensando como indígena, pertencente a esse povo, e como futura profissional da Fonoaudiologia, estou diretamente inserida neste duplo lugar e, desse modo, percebo que poderei auxiliar na saúde vocal dos cantadores Pankararus, contribuindo para a preservação cultural e identitária do meu povo, respeitando os conhecimentos ancestrais existentes. Estudos futuros, que investiguem e monitorem a qualidade e fadiga vocal durante os rituais dos Praiás podem trazer informações importantes para se compreender as condições de uso vocal particulares da etnia Pankararu, oferecendo os cuidados necessários que a ciência pode proporcionar sem contrapor os saberes tradicionais.

Referências bibliográficas

1. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico [Internet]. 2010. [acessado em 2019 set 15]. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>.
2. Cunha MC. Ritos e festas Pankararu: uma etnografia da música ritual. [Internet]; 1999. [Acesso em: 21 dez. 2020]; Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/PAINEIS/DACUNHA.PDF.
3. Batalha VS. Os rituais Pankararu: memória e resistência. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade Católica de São Paulo; 2017.
4. Behlau M. Voz o livro do especialista. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2004.
5. Behlau M, Feijó D, Madazio G, Rehder MI, Azevedo R, Ferreira AE. Voz profissional: aspectos gerais e atuação fonoaudiológica. In: Behlau M. Voz: o livro do especialista. Vol. 2. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. p. 287-407.
6. Silva AP, Barros CR, Nogueira MM, Barros VA. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método história de vida. Mosaico: estudos em psicologia. 2007; 1(1): 25-35.
7. Maccali, N, Minghini L, Walger CS, Roglio KD. História de vida: uma possibilidade metodológica de pesquisar os aspectos subjetivos no processo de tomada de decisão. In: XXXVII Encontro da ANPAD. 2013. Rio de Janeiro. *Anais*. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1312.pdf. Acesso em: 13 out. 2019.
8. Santos MMS, Santos RS. A etapa de análise no método de história de vida – uma experiência de pesquisadores de enfermagem. *Texto Contexto Enferm*. 2008; 17(4): 714-9.
9. Silva VP, Barros DD. Método história oral de vida: contribuições para pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup*. 2010; 21(1): 68-73.



10. Nogueira MLM, Barros VA, Araújo ADG, Pimenta DAO. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. 2017; 12(2): 466-85.
11. Souza EC. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*. 2006; 25(11): 22-39.
12. Langdon, EJ. Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2014; 19(4): 1019-29.
13. Backes MTS, Rosa LM, Fernandes GCM, Becker SG, Meirelles BHS, Santos, SMA. Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. *Rev. enferm*. 2009; 17(1): 111-7.
14. Buchillet D. Cultura e saúde pública: reflexões sobre o distrito sanitário especial indígena do Rio Negro. [Internet]; [Acesso em: 14 set. 2020]. Disponível em: https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers14-09/010036543.pdf.
15. Lorenzo CFG. Desafios para uma bioética clínica interétnica: reflexões a partir da política nacional de saúde indígena. *Revista Bioética*. 2011; 19(2): 329-42.
16. Theóphilo CR. Algumas reflexões sobre pesquisas empíricas em contabilidade. *Caderno de Estudos*. 1998; 10(19): 9-15.
17. Lopes RCC. Cura encantada: medicina tradicional e biomedicina entre os Pankararu do Real Parque em São Paulo. (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2011.
18. Bragion TAA, Fontran TRF, Penteado RZ. Relações entre voz, trabalho e saúde: percepções de professores. *Distúrbios da Comunicação*. 2008; 20(3): 319-25.
19. Pucci MD. Influência da voz indígena na música brasileira. *Música popular em revista*. 2016; 4(2): 5-30.
20. Behlau M, Pontes P, Moreti F. Higiene vocal: cuidando da voz. 5.ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2016.
21. Gomes EDP. Uma ação educativa em saúde vocal: análise do programa cuidando do mestre, Sobral-Ceará. (Dissertação de Mestrado). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará; 2017.
22. Nunes E. Consumo de tabaco. Efeitos na saúde. *Rev Port Clin Geral*. 2006; 22:225-44.
23. Ferreira LP, Heringer MRC, Pompeu ATS, Pedra AM, Latorre MRDO. Efeitos deletérios do tabagismo e a maconha na voz de estudantes universitários. *Distúrbios da Comunicação*. 2016; 28(1): 102-13.
24. Brasil, Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Saúde. [Internet]; [Acesso em 14 jan 2021]; Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?pns/pnsf.def>.
25. Carrad VC, Pires AS, Paiva RL, Chaves ACM, Filho MSA. Álcool e câncer bucal: considerações sobre mecanismos relacionados. *Revista brasileira de cancerologia*. 2008. 54(1): 49-56.
26. Brasil, Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Saúde. [Internet]; [Acesso em 17 jan 2021]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?pns/pnsf.def>.
27. Pinho SMR. Manual de higiene vocal para profissionais da voz. 4.ed. Barueri: Pró-Fono; 2007.
28. Goulart BNG, Rocha JG, Chiari BM. Intervenção fonoaudiológica em grupos a cantores populares: estudo prospectivo controlado. *Soc Bras Fonoaudiol*. 2012; 24(1): 7-18.
29. Guidini RF, Bertencello F, Zanchetta S, Dragone MLS. Correlações entre ruído Ambiental em sala de aula e voz do professor. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2012; 17(4): 398-404.
30. Eloy CC. Apropriação e proteção dos conhecimentos tradicionais no Brasil: a conservação da biodiversidade e os direitos das populações tradicionais. [Internet]; 2014. [Acesso em: 05 dez 2020]. Disponível em: <file:///C:/Users/Andressa/Downloads/22587-Texto%20do%20artigo-44990-1-10-20150119.pdf>.
31. Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. Coordenadoria de Controle de Doenças. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. Centro de Vigilância em Saúde. Distúrbios da voz relacionados ao trabalho. [Internet]; 2006. [Acesso em: 14 nov 2020]. Disponível em: http://www.cve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa26_dist.htm.

